



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

HALLINE TAVARES DE SOUZA

**TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

CAJAZEIRAS-PB
2013

HALLINE TAVARES DE SOUZA

**TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA E SUAS
CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia do Centro de Formação de Professores de Cajazeiras – PB, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Mst. Rodrigo Bezerra Pessoa

Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia

**CAJAZEIRAS-PB
2013**



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S729t Souza, Halline Tavares de
Trabalho de campo no ensino de geografia e suas
contribuições para o processo de ensino-aprendizagem/
Halline Tavares de Souza. Cajazeiras, 2013.
51f. : il.

Orientador: Rodrigo Bezerra Pessoa.
Monografia (Graduação) – UFCG/CFP

1.Geografia-estudo e ensino. 2.Trabalho de campo -
Ensino de geografia. 3.Didática – geografia
I. Pessoa, Rodrigo Bezerra. II.Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 91:37

TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

HALLINE TAVARES DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Geografia do Centro de Formação
de Professores de Cajazeiras – PB, como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Geografia.

Orientador: Prof.. Mst. Rodrigo Bezerra
Pessoa


Linha de Pesquisa: Ensino de Geografia

FOLHA DE APROVAÇÃO

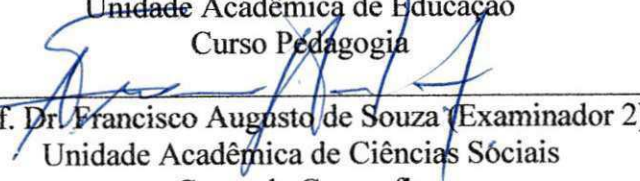
Monografia aprovada em _____ / 2013


BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ms. Rodrigo Bezerra Pessoa (Orientador)
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais
Curso de Geografia



Prof. Ms. Maria Janete de Lima (Examinador 1)
Unidade Acadêmica de Educação
Curso Pedagogia



Prof. Dr. Francisco Augusto de Souza (Examinador 2)
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais
Curso de Geografia

Dedico a realização deste trabalho a meus pais Francisco Assis e Maria Wilda e a todos que contribuíram para a formação do meu caráter de cidadão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **DEUS**, minha fortaleza.

Aos meus pais **Francisco Assis** e **Maria Wilda** e meu irmão **Hallano Régis** pelo total incentivo, esforço e dedicação ao longo dessa conquista, e que apesar de todas as dificuldades e limitações fizeram o máximo que puderam para que eu chegasse até aqui.

A **Rodrigo Bezerra Pessoa**, meu orientador, pela paciência, dedicação e carinho com que me acompanhou durante a pesquisa.

Aos que fazem a **Escola Antônio Amâncio da Cruz**, palco da construção dessa prática pedagógica.

Aos meus **familiares**, que sempre me incentivaram a seguir em frente, mesmo em meio a tantas dificuldades e em especial à **tia Lili** por sua contribuição e exemplo de vida que tanto me ajudou no decorrer do curso.

Ao meu namorado **Magno Alexandre** pelo apoio, compreensão e consolo nos momentos mais difíceis.

Aos meus **amigos e colegas** da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras, turma 2008.2, pela amizade, afeto, estímulos e por dividirem comigo momentos de alegrias, tristezas, angústias e conquistas que ficarão para sempre guardados na minha memória e no meu coração.

A todos, muito obrigada!

“É melhor tentar e falhar, que preocupar-se e ver a vida passar. É melhor tentar ainda que em vão, que sentar-se fazendo nada até o final. Eu prefiro na chuva caminhar, que em dias tristes em casa me esconder. Prefiro ser feliz embora louco, que em conformidade viver.”

(Martin Luther King)

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a fazer uma discussão sobre as contribuições dos trabalhos de campo como metodologia de ensino referente à educação geográfica escolar. Essa atividade proporciona aproximação entre o objeto estudado e o indivíduo, ou seja, constitui um importante elemento para o processo ensino-aprendizagem. O campo é, portanto um ótimo ambiente de ensino, pois possibilita uma maior compreensão e ligação dos assuntos trabalhados em sala de aula com uma realidade complexa, promove maior socialização de grupos e dinamiza o trabalho do professor. Além de enfatizar as contribuições do trabalho de campo através de uma discussão teórica, objetivou-se desenvolver a pesquisa sobre as principais dificuldades enfrentadas pela professora de Geografia da E.E.I.F Antônio Amâncio da Cruz, localizada no município de Aurora - CE em relação à realização do mesmo. Em seguida propôs-se a realização de um trabalho de campo, com os alunos do 8º ano da referida escola. As informações foram coletadas por meio de entrevistas aplicadas ao Núcleo Gestor e aos demais professores da escola, onde se efetuou uma sondagem diagnóstica que facilitou a escolha da turma para ir à campo, além de um questionário entregue à professora de Geografia da turma, e outro entregue aos alunos no retorno do trabalho de campo. Verificou-se então que apesar das dificuldades para a realização desta atividade, eles favorecem bastante o processo de ensino-aprendizagem, a partir da ligação entre teoria e prática.

Palavras-chave: Trabalhos de campo. Ensino. Geografia.

ABSTRACT

To present researches it proposes to do a discussion about the contributions of the field works as teaching methodology regarding the school geographical education. That activity provides approach between the studied object and the individual, in other words, it constitutes an important element for the process teaching-learning. The field is, therefore a great teaching atmosphere, because it makes possible a larger understanding and connection of the subjects worked in class room with a complex reality, it promotes larger to socialize of groups and dinamiza the teacher's work. Besides emphasize-millstones the contributions of the field work through a theoretical discussion, we aimed at to develop the research about the main difficulties faced by the teacher of Geography of E.E.I.F Antônio Amâncio of Cruz, located in the municipal district of Dawn - CE in relation to the accomplishment of the same. Soon after we propose the accomplishment of a field work, with the students of the 8th year of the referred school. The information were collected through applied interviews to the Nucleus Manager and the other teachers of the school, where occurred a survey to diagnose that facilitated the choice of the group to go to field, besides a questionnaire he/she given to the teacher of Geography of the group, and another given to the students in the return of the field work. We verified then that in spite of the difficulties for the accomplishment of this activity, they favor plenty the teaching-learning process, starting from the connection between theory and practice.

Keywords: Field works. Teaching. Geography.

LISTAS

LISTA DE SIGLAS

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis

URCA – Universidade Regional do Cariri

LISTA DE FOTOS

FOTO 01 – Pessoas lavando roupa na fonte das Guaribas	30
FOTO 02 – Início do percurso ao Aeroporto	30
FOTO 03 – Área desmatada localizada no antigo aeroporto	30
FOTO 04 – Sede do IBAMA	31
FOTO 05 – Alunos percorrendo a trilha da Mucunã	32
FOTO 06 – Espécie que deu nome à trilha	32
FOTO 07 – Resíduos sólidos encontrados na floresta	32

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Alunos que já haviam participado de trabalhos de campo	35
GRÁFICO 02 – O que mais gostou no trabalho de campo?	36
GRÁFICO 03 – Relação entre a Floresta e a riqueza hidrográfica da região	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: UMA BREVE EXPLANAÇÃO SOBRE O TRABALHO DE CAMPO	12
1.1 Síntese sobre a história dos trabalhos de campo	13
1.2 Importância dos trabalhos de campo para a Geografia	15
1.3 O trabalho de campo, a pesquisa e o ensino	18
CAPÍTULO 2: METODOLOGIAS UTILIZADAS NA PESQUISA	21
2.1 Objetivos a serem alcançados	22
2.2 Escola selecionada para a pesquisa	23
2.3 Instrumentos de coleta de dados	24
2.4 Utilização da entrevista e opção pelo 8º ano	26
CAPÍTULO 3: PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO, REALIZAÇÃO E RETORNO À SALA DE AULA	27
3.1 Planejamento e organização	27
3.2 A ida ao campo	29
3.3 O retorno a sala de aula	33
CAPÍTULO 4: ELABORAÇÃO DOS RESULTADOS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	47

INTRODUÇÃO

A aula de campo é uma inovação no trabalho do professor, possibilitando emoções e sensações que não se fazem presentes em uma aula tradicional, além de motivar o aluno a aprender cada vez mais de forma prática e bastante prazerosa.

Considerando o período de transformações em que vivemos, das inovações na forma de pensar e agir, entende-se que o trabalho de campo possibilita diferentes leituras e reflexões sobre o espaço geográfico, ficando clara assim sua importância.

Essa metodologia para o ensino de Geografia contribui para uma melhor compreensão dos conteúdos ao relacionar a teoria proposta em sala de aula com os estudos e análises práticas das paisagens do ambiente observado, ampliando os horizontes geográficos ao ir além dos textos e fotografias do livro didático, e permitindo o desenvolvimento de diversas habilidades nos alunos, tais como identificar, distinguir e ampliar o conhecimento adquirido nas instituições de ensino, comparando-o com a realidade do lugar em que os envolvidos estão habituados (THOMAZ Jr, 1992; FARINA & GUADAGNIN, 2007; OLIVEIRA & ASSIS, 2009).

Ao buscar melhores esclarecimento sobre as contribuições dos trabalhos de campo no processo ensino-aprendizagem, a pesquisa fundamentou-se teoricamente em autores que procederam análises relativas à importância do trabalho de campo, as dificuldades para a realização do mesmo, dentre outros.

Para superar os métodos tradicionais de ensino torna-se necessário uma nova abordagem metodológica que valorize o desenvolvimento dos aspectos cognitivos dos educandos, onde o objetivo da prática educativa não é simplesmente transmitir o conhecimento ao aluno, mas levá-lo a pensar e refletir sobre os conteúdos, além de dar grande destaque a vida social do mesmo como fator fundamental para o seu desenvolvimento intelectual e moral (PILETTI, 2006).

Para a realização deste trabalho, optou-se pela pesquisa bibliográfica, além de uma ida à campo para que se pudesse vivenciar as informações obtidas através das leituras, ou seja, para chegar à respostas de que o trabalho de campo facilita o processo de ensino-aprendizagem.

A coleta de dados referente à pesquisa foi feita através de entrevistas com o Núcleo Gestor e professores da E.E.I.F Antônio Amâncio da Cruz, localizada no município de Aurora-CE, palco desta pesquisa. Outro elemento utilizado para a coleta de dados foi a

aplicação de questionários à professora e aos alunos do 8º ano, com o intuito de traduzir os objetivos propostos pela pesquisa através de questões redigidas de forma clara.

Assim, o trabalho está estruturado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo aborda discussões sobre a importância do trabalho de campo e suas contribuições para a compreensão do espaço geográfico, outro tema abordado através de um contexto histórico resumido foi a história dos trabalhos de campo, como surgiu e os primeiros a utilizarem essa metodologia.

No segundo capítulo apresentam-se as metodologias utilizadas no decorrer da pesquisa assim como os objetivos propostos e a maneira como os mesmos contribuíram para que se chegasse à conclusão.

No terceiro capítulo discutiu-se sobre a preparação dos alunos para a ida a campo, que foi uma das etapas mais importantes da pesquisa e também os procedimentos utilizados no retorno à sala de aula.

O quarto capítulo constitui-se na análise dos dados, obtidos através da aplicação do questionário que nos levaram à conclusão da pesquisa.

Por fim, nas considerações finais foram expostas algumas sugestões de caráter reflexivo obtidos no decorrer da pesquisa, buscando assim contribuir de alguma forma para uma evolução e renovação das práticas pedagógicas presentes no ensino de Geografia.

CAPÍTULO 1 UMA BREVE EXPLANAÇÃO SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

Neste capítulo pretende-se entender melhor um dos principais instrumentos de ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, ou seja, o trabalho de campo. Mostrando assim que a utilização do mesmo facilita a compreensão dos alunos em relação aos assuntos trabalhados em sala de aula na disciplina de Geografia.

O trabalho de campo não pode ser visto como um passeio, uma distração, com o intuito apenas de levar os alunos para fora da escola, ele deve ser cuidadosamente planejado, com bastante atenção e dedicação para que se obtenha um resultado positivo, ou seja, que ocorra uma aprendizagem mais rica e dinâmica. Diferente daquelas aulas baseadas apenas na fala do professor, com a utilização de técnicas ultrapassadas, livros didáticos, giz e quadro. Segundo Kayser (1985): Uma coisa é observar para tentar compreender, registrar os fenômenos para interpretá-los com o apoio de explicação geral; outra é ir “à pesquisa como quem vai ao zoológico ou ao safári!”

Com esta afirmação certificou-se a importância do planejamento antes da execução da atividade, da atenção nos detalhes para facilitar assim a interligação entre fatos e fenômenos, para que a mesma não se torne um ato sem nexos.

Esta atividade é em sua maioria considerada eficaz no processo ensino-aprendizagem justamente pelo fato de ocorrer em um ambiente descontraído e geralmente fora da escola. Os alunos ampliam seus conhecimentos tanto em relação ao conteúdo relacionado à Geografia Física, como também à Geografia Humana, possibilitando assim um contato maior com o meio social, natural e cultural presentes à sua volta.

Para Lopes e Pontuschka (2009, p.174) esta metodologia:

[...] se concretiza pela imersão orientada na complexidade de um determinado espaço geográfico, do estabelecimento de um diálogo inteligente com o mundo, com o intuito de verificar e de produzir novos conhecimentos.

Sendo assim esta prática propicia um maior entendimento sobre o espaço, mostrando ter um significado e um propósito que é fazer um contato direto com o mundo, compreender as diferentes formas, diferentes culturas, costumes, além da observação de fenômenos que ocorrem a nosso redor e que não nos despertam interesse, tornando-se assim banais. Mas na verdade ao aprofundar nesses assuntos o aluno fica admirado, passando assim a enriquecer seu conhecimento.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2012, p.174) afirmam que, ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou outra, fora de seu espaço de vivência, pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve.

Isso significa que o aluno pode aprofundar bastante seu conhecimento ao observar paisagens, pois as interrogações que venham a surgir, com a ajuda e o incentivo do professor podem se transformar em conhecimentos para a vida toda. Com isso ocorre a verdadeira construção do conhecimento, que vai desde a dúvida sobre determinado fenômeno à conclusão desse fato, e é exatamente com a conclusão de determinado fato que se chega ao conhecimento buscado.

Existem algumas coisas que são indispensáveis na elaboração e execução de um trabalho de campo, como por exemplo, ter objetivos pré-estabelecidos, isso significa que antes de ir à campo é necessário que seja determinado o conteúdo a ser estudo e a necessidade de saber se o local condiz com o conteúdo. Para que isso ocorra é necessário que se faça uma visita ao local antes de levar a turma, para que não ocorram surpresas desagradáveis como o encontro de algo inesperado que possa prejudicar a aula, como por exemplo, algum fato que gere dúvidas nos alunos e que fuja do conhecimento do professor.

Além de todo o planejamento e preocupação com o conteúdo, é de fundamental importância que essa atividade seja prazerosa, que os alunos se sintam à vontade para exporem dúvidas, idéias e que possam construir o máximo de conhecimento.

1.1 Síntese sobre a história dos trabalhos de campo

É clássica e tradicional a utilização do trabalho de campo por parte dos geógrafos no levantamento de dados e informações. Ele sempre foi importante para a Geografia, desde a Antiguidade, estando presente na evolução do pensamento geográfico.

Pode-se dizer que as idéias geográficas, em coexistência com outras ciências, desenvolveram-se a partir dos conhecimentos práticos da exploração da terra e das observações dos viajantes, ao lado da sistematização de pensadores, filósofos e matemáticos (ANDRADE, 1987, p. 41).

Ao longo da história, diversos estudiosos das diferentes áreas do conhecimento utilizaram o trabalho de campo, com o interesse de que essa metodologia os auxiliasse em suas descobertas científicas. Dentre eles pode-se citar Charles Darwin (1809-1882), criador

da Teoria da Evolução, o mesmo percorreu diversos lugares do mundo em busca de provas que reforçasse sua afirmação que as diferenças individuais já existentes entre os indivíduos de uma mesma espécie seriam selecionadas naturalmente pelo ambiente.

A Teoria da Deriva Continental do pesquisador alemão Alfred Wegener (1880-1930), também realizou uma série de expedições por diversas localidades, buscando indícios que comprovassem sua tese de que os continentes já estiveram unidos.

Entre os geógrafos, alguns dos nomes mais significativos são: Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), pensadores que iniciaram o trabalho de sistematização da ciência geográfica.

Alves (2005, p. 74) comenta sobre Humboldt que este foi:

[...] o primeiro na Geografia a realizar um trabalho de campo sistemático, no qual propunha uma observação minuciosa dos elementos da paisagem, buscando na sua contemplação fazer a ligação do particular com o que pode ser encontrado de mais geral, ou seja, preocupando-se constantemente em deslocar-se da individualidade dos lugares ou dos fenômenos para a universalidade.

Humboldt, através de suas observações, identificou a existência de uma interação entre os mais diversos elementos que compõem a Terra, ou seja, uma relação de causa e consequência entre eles, sendo assim o princípio da causalidade.

Opostamente a Humboldt, Ritter valeu-se do método comparativo em estudos dos lugares “[...] e da individualidade dos mesmos, estabelecendo comparações entre diferentes povos, culturas, instituições e sistemas de utilização de recursos, usando para isso, o empirismo como método de observação”. (SILVA; ALVES; LOPES, 2008, p. 12).

Essa postura de Ritter é devida em grande parte à sua formação religiosa que exerceu influência em suas pesquisas. Segundo ele caberia à Ciência Geográfica explicar a individualidade da natureza, levando em consideração que Deus teria criado cada lugar com suas especificidades.

Apesar de Humboldt e Ritter apresentarem visões antagônicas em relação a alguns aspectos, devido também às suas diferentes formações, pode-se analisar em suas trajetórias na área da pesquisa a importância dos trabalhos de campo realizados pelos mesmos no momento de suas observações e análises empíricas do espaço. Gomes (1996, p. 173) sobre isso, afirma que:

A dupla filiação do discurso geográfico de Humboldt e de Ritter se exprime também na forma através da qual o papel do geógrafo era definido. O geógrafo era um observador da natureza que experimentava ao mesmo tempo um prazer estético, mas também um prazer intelectual de compreender as leis naturais. A palavra contemplação é comum aos dois discursos e parece justificar esta dupla ação do olhar, admirador e curioso.

Com o passar do tempo, a maneira como o trabalho de campo era exercido mudou. Na chamada Geografia Tradicional, limitava-se na observação e descrição dos elementos presentes na paisagem, tornando-se uma prática de ensino descritiva. (MÉRENNE-SCHOUMAKER, 2005).

Já na Geografia Crítica, dá-se importância para a preparação e contextualização do trabalho de campo, permitindo ao aluno um olhar diferente sobre os elementos da paisagem, baseado nas prévias aulas teóricas, facilitando sua aprendizagem e despertando seu senso crítico e investigador (LIMA e ASSIS, 2005). Ou seja, se tornou mais elaborado e conseqüentemente com maiores contribuições para o processo ensino-aprendizagem.

Entende-se assim que desde a origem da Ciência Geográfica, o trabalho de campo se faz presente e é de fundamental importância para a realização de pesquisas, trabalhos pedagógicos e acadêmicos.

No próximo tópico, discute-se qual a função dos trabalhos de campo e sua importância para o ensino de Geografia.

1.2 Importância dos trabalhos de campo para a Geografia

O trabalho de campo é considerado importante por ser um instrumento fundamental para a construção do conhecimento geográfico. É um trabalho empírico, sendo considerado como recurso didático-pedagógico importante na formação e no processo ensino-aprendizagem. É uma atividade “extra-sala” que envolve conteúdos escolares, científicos ou não, assim como sociais. Mas a importância do trabalho de campo não se restringe apenas a seu uso como recurso, pois ele também se destaca como uma forma mais dinâmica de aprender, devido a este fato, possui maior relevância em relação a outros, até mesmo por ser pouco utilizado, dando assim a idéia do novo que atrai a atenção e desperta interesse nos alunos.

O que as escolas buscam atualmente é uma forma de atrair cada vez mais esse interesse do aluno, estimulando assim sua aprendizagem. Interesse esse difícil de ser

encontrado. O que recomenda-se é a busca cada vez maior por metodologias de ensino-aprendizagem para atrair esses alunos com o objetivo de facilitar a aprendizagem.

A utilização do trabalho de campo, se bem orientada e efetuada, influencia no desenvolvimento do aluno, onde o mesmo pode se tornar apto a observar e compreender os fatos que ocorrem ao seu redor, partindo assim para o entendimento de escalas globais.

A compreensão da realidade é facilitada quando há a atividade de campo, pois o contato com o meio, com o espaço, assim como com outros indivíduos, pode gerar debates, troca de idéias, opiniões e conseqüentemente uma aprendizagem mais rica e envolvente.

A fala do professor e a utilização do livro didático são as maneiras mais comuns de se ensinar Geografia. Porém podem ser utilizados também trabalhos de campo como auxílio no processo de ensino-aprendizagem desenvolvendo no aluno um senso crítico, facilitando assim sua relação com o mundo.

O campo, em oposição às aulas tradicionais e pouco atraentes é o lugar no qual:

[...] potencialmente, o estudante à procura de soluções para determinado problema pode observar as evidências, adquirir informações e interpretá-las. É um excelente ambiente de ensino, e, se bem trabalhado, capaz de questionar a sala de aula tradicional, fechada por quatro paredes, com um professor em posição inacessível, distante. (COMPIANE, 2007, p. 36)

Portanto, dependendo da forma como for gerenciado, o campo pode incentivar seus participantes a observarem e investigarem o espaço ao seu redor, promovendo assim uma análise das descobertas das diferentes realidades, principalmente da qual estão inseridos. Além disso, o aluno poderá questionar alguns conceitos e informações que não tenham sido bem compreendidos em sala de aula.

Segundo Compiani (1991), o campo é um excelente “ambiente de ensino” que pode auxiliar na aprendizagem dos alunos, visto que proporciona o contato direto com os objetos e os fenômenos concretos que estão sendo estudados. O contato direto com o meio permite que o aluno perceba os fenômenos em sua interação e a natureza não fragmentada.

Atualmente no período das especializações, o conhecimento científico se fragmentou tanto que a compreensão dos fenômenos da sociedade humana que estão cada vez mais complexos e interligados se tornou difícil. Entende-se assim que as partes só são compreendidas em sua totalidade. Segundo Straforini (2004, p. 5):

Não há como conceber o mundo linearmente, estudando suas partes separadamente para depois juntá-las. O mundo não é a somatória dos espaços tomados separadamente, mas tomados como indissociáveis, ou seja, esses espaços só fazem sentido no conjunto da totalidade.

Para Corrêa (1996), o campo é um meio no qual o geógrafo aprende a ver, analisar e refletir sobre o infindável movimento de transformação que o homem realiza no espaço, é no campo que o aluno/pesquisador poderá perceber todo o dinamismo do espaço.

Dessa forma, o geógrafo não apenas observa, como também descreve, classifica, reflete e conseqüentemente teoriza os fenômenos e fatos observados. Surge assim a importância da prática de campo para os estudiosos dessa área, pois é por meio do objeto de estudo, que no caso da Geografia é o espaço, assim como suas transformações e ocupação que estes pesquisadores buscam respostas para seus questionamentos.

A socialização do grupo como um todo representa outra contribuição propiciada pelas atividades de campo. Para Beger *et al* (1998, p. 74): O campo é lugar e momento ideal para reforçar laços afetivos, não somente com a natureza, mas também entre os membros do grupo já que juntos experimentam esse encontro com a realidade.

A ida à campo articulada juntamente com um correto envolvimento do professor possibilita momentos e alcança objetivos que a sala de aula não oferece: proporciona a compreensão de conceitos científicos, o desenvolvimento de algumas capacidades, de atitudes, de certos tipos de habilidade, além de despertar nos alunos valores de grande relevância como cooperação na realização de trabalhos em equipe, gosto pelo estudo e pela investigação, além da melhoria na relação afetiva e de companheirismo entre professor-aluno e aluno-aluno.

Em síntese, quando o professor incentiva atividades de cooperação entre os alunos, ele propicia uma maior socialização. As diferentes visões sobre o objeto de estudo favorecem o desenvolvimento do pensamento crítico e um avanço em relação ao processo de reflexão. Para que se possam obter verdadeiras interações, não basta apenas aproximar os alunos, é necessário que o professor proponha desafios e problemas para que juntos e através da troca de conhecimentos e informações, possam avançar intelectualmente.

As atividades de campo possibilitam aos alunos o contato com o real, permitindo o seu envolvimento e integração com os elementos da paisagem. Sendo capaz de gerar circunstâncias que “além de estimular a curiosidade e aguçar os sentidos, possibilita confrontar teoria e prática”. (VIVEIRO; DINIZ, 2009, p.4)

Nas palavras de Lima e Assis (2005, p.112): “O Trabalho de Campo se configura como um recurso para o aluno compreender o lugar e o mundo, articulando a teoria à prática, através da observação e da análise do espaço vivido e concebido”

Sendo assim, apresenta uma ponte que faz ligação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e em muitos casos de maneira enfadonha, com a prática realizada através da observação de campo, que é de grande relevância, pois desenvolve nos alunos a capacidade de compreender e interpretar a realidade observada.

Esse confronto entre teoria e prática pode ser considerado um dos principais benefícios para o aluno, pois assim o mesmo pode aprofundar seus conhecimentos, ao fazer a ligação entre a teoria, que tanto é explicada pelo professor em sala de aula com a ida ao campo, ou seja, a prática. Fenômenos que talvez jamais conseguissem compreender totalmente, mesmo com o esforço do professor, podem explicar-se por si só, a partir da observação.

Nesta perspectiva, a aula de campo serve para complementar os conteúdos tratados em sala de aula, e compreender as diferenciações entre as paisagens dos livros didáticos e as paisagens vivenciadas *in loco*.

Esses são alguns dos motivos que tornam importante a realização de trabalhos de campo, destacando os benefícios para o processo de ensino-aprendizagem em relação ao conhecimento geográfico.

1.3 O trabalho de campo, a pesquisa e o ensino.

É uma tarefa difícil compreender as diferentes espacialidades dos processos sem trabalho de campo. Mas o avanço de novas tecnologias de informações que se observam atualmente despertou em alguns geógrafos a idéia que a realização destes trabalhos tornou-se desnecessária, devido à grande capacidade que essas tecnologias teriam em relação à obtenção de informações.

Mas para Suertegaray (1985) não é bem assim, para ela as novas tecnologias facilitam o campo, mas sem método não há produção de conhecimento, afinal instrumentos são meios de trabalho. De acordo com ela, pesquisar é buscar respostas para perguntas instigantes, num processo em que sujeito e objeto interagem, o sujeito construindo o objeto e o objeto reconstruindo o sujeito.

Entende-se assim que mesmo que haja outras formas de obtenção de dados e informações, nada se compara com a ida à campo. As informações obtidas em pesquisas na *internet* são importantes e bastante úteis, facilitam e agilizam a compreensão de determinados fenômenos, mas isso não significa que essas informações substituam a ida à campo.

Fatos esses que jamais seriam perceptíveis através apenas de informações e dados fornecidos pelas tecnologias atuais, que apesar de serem bastante avançadas e nos ajudarem nas mais diversas situações, não substituem uma simples conversa que pode nos levar a muitas informações e detalhes riquíssimos.

Assim, vale aqui destacar a afirmação de Kayser (1985), que defende a idéia que uma pesquisa deve começar pela caminhada despreziosa e a conversa banal que permitem identificar os conflitos e as tensões sociais existentes, pois, a dinâmica social é revelada pelos conflitos.

Em relação ao ensino destaca-se que a utilização do trabalho de campo como instrumento didático, não tem sido muito debatido. Lacoste (1985) considera que a expedição tem importante papel de formação dos estudantes de Geografia, mas insuficiente, pois não passa de iniciação à pesquisa.

Para este autor, os trabalhos de campo não devem se constituir apenas no discurso do professor diante dos estudantes passivos. Esses trabalhos devem ser longos, conter caminhadas, serem contínuos, propiciando assim um convívio com a realidade, ou seja, que o próprio aluno compreenda os fatos e chegue às suas próprias conclusões.

Pensou-se assim que se estas atividades forem bem elaboradas, orientando os alunos sobre como observar, os instigando a problematizarem os fenômenos observados, já pode ser considerada uma grande contribuição para o processo de formação destes como pesquisadores. O aluno não deve observar apenas achando os fenômenos “bonitos” ou “feios”, eles devem buscar saber o que está por trás de cada um, ou seja, o porquê dos fatos ocorrerem de determinada forma, o porquê das diferenças de um local para outro, de uma paisagem para outra, as características de diferentes culturas, etc.

O trabalho de campo também desempenha o papel de integração entre fenômenos sociais e naturais que se cruzam em campo. A dicotomia sociedade-natureza, ou seja, a separação entre sociedade e natureza se constitui num obstáculo para o desenvolvimento da Geografia. Destaca-se aqui que tanto na teoria, quanto na realidade do campo, os aspectos sociais e naturais da realidade não se separam. Assim, durante a elaboração dos roteiros de campo a preocupação de se evidenciar a interação entre os aspectos sociais e naturais que

modelam a superfície terrestre pode tornar-se importante instrumento na formação de novas gerações de geógrafos, interessados nas relações físico-humanas. A união destas relações aumenta a compreensão de fenômenos por parte dos alunos, sejam eles locais ou globais, possibilitando assim um maior conhecimento.

O capítulo seguinte aborda as metodologias utilizadas na pesquisa, a elaboração dos questionários, os objetivos pretendidos, assim como a escolha dos alunos.

CAPÍTULO 2 METODOLOGIAS UTILIZADAS NA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com 20 alunos, com idade entre 13 e 18 anos, matriculados no 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Antônio Amâncio da Cruz, localizada na zona rural do município de Aurora-Ce e a professora de Geografia da referida turma.

Existem muitos métodos para a realização do trabalho de campo. O ideal é que o professor identifique o mais adequado baseando-se nas características dos seus alunos. Entendemos que devem-se empregar metodologias que estimulem o aluno a observar, questionar dados sobre um tema, propor soluções, analisar a compreensão de fenômenos, desenvolvendo assim seu conhecimento. O trabalho de campo é uma metodologia utilizada por várias áreas do conhecimento, cada uma buscando alcançar os objetivos de sua área de pesquisa.

Segundo Reigota (2001), “na metodologia utilizada reside um dos aspectos que caracteriza a criatividade do professor diante dos desafios que encontra cotidianamente.”

Buscou-se assim uma metodologia que incentive o aluno a ser criativo e capaz de articular idéias. Sabe-se que o professor atua como mediador, sistematizando os conhecimentos dos alunos e relacionando-os aos conteúdos propostos, essa relação faz com que o aluno ao longo da vida escolar, perceba o espaço geográfico e reconheça sua complexidade.

Baseando-se nessas afirmações fizemos a escolha por uma abordagem qualitativa, tendo como método de interpretação da realidade o método materialista dialético, método este que apresenta como problema central a transformação da realidade e a possibilidade de negação e superação das relações sociais/naturais, ou seja, o método dialético propicia a negação das idéias a partir do contato com o espaço concreto, principal característica do trabalho de campo. A investigação desta práxis sócio-espacial pode servir ao ensino mais articulado com a realidade dos alunos, mas também sinalizar os conteúdos/conceitos da geografia que permitem questionar a realidade.

Nesse sentido, a dialética pode ser entendida como algo que busca compreender as transformações contínuas que perturbam o ser humano, colocando-o em movimento, e essa tal compreensão é o que o faz evoluir e aprimorar seu conhecimento para com o mundo que o cerca. Esse processo propicia uma intensa ligação entre quem investiga e o objeto investigado. Surgem assim constantes dúvidas que não se encerram no encontro de respostas

e sim fazem com que surjam novos questionamentos, já que as respostas ensejam novas perguntas.

Para a realização da pesquisa propôs-se um trabalho de campo, realizado com os alunos do 8º ano da referida escola. A coleta de dados foi feita através de questionários aplicados aos alunos e a professora de Geografia da turma, buscando esclarecer os objetivos propostos pela pesquisa, que serão expostos a seguir, através de questões bem claras.

O primeiro contato com a escola ocorreu no mês do fevereiro, quando foi apresentada a proposta da pesquisa, os objetivos, e o que pretendia-se explorar. Com o intuito do trabalho de campo obter um resultado positivo, organizou-se algumas tarefas que foram realizadas antes, durante e depois da ida à campo.

Antes: Elaboração de um roteiro de pesquisa e observação, determinação de algumas regras comportamentais, a exposição de informações prévias sobre o local a ser explorado, como por exemplo: localização, principais características físicas, sociais, sua importância, etc. **Durante:** Foram lembradas questões trabalhadas em sala de aula, perguntas foram feitas, além do registro por meio de fotografias dos aspectos observados. **Depois:** Problematizou-se o que foi observado, houve a conferência dos dados observados (se estavam ligados ao conteúdo trabalhado), além da exposição de algumas dúvidas, e conseqüentemente a aplicação do questionário que trouxe um resultado geral sobre a execução do trabalho de campo.

2.1 Objetivos a serem alcançados

Esta pesquisa busca dialogar de maneira discursiva sobre a importância do trabalho de campo debatendo o ensino da disciplina diante da atual realidade, que não está estática e vive em mutação, assim como suas contribuições para uma aprendizagem mais efetiva, fazendo com que os alunos através da observação cheguem a certas conclusões, constituindo uma ponte entre a teoria que foi trabalhada em sala de aula através de textos e discussões e a prática desenvolvida através das observações em campo. Baseando-se nesses pontos elaborou-se assim alguns objetivos:

Objetivo geral:

- Analisar o trabalho de campo como metodologia de ensino na disciplina de geografia, no 8º ano do Ensino Fundamental II, da escola Antônio Amâncio da Cruz, localizada no município de Aurora-CE.

Objetivos específicos:

- Identificar as principais contribuições da utilização do trabalho de campo enquanto metodologia no ensino de Geografia para o processo de ensino-aprendizagem;
- Analisar as dificuldades dos professores para realização dos trabalhos de campo na escola em questão;
- Propor a realização de um trabalho de campo, para os alunos do 8º ano do ensino fundamental, inserindo assim essa prática no seu cotidiano visto que esta atividade é bastante proveitosa em relação à aprendizagem dos alunos;
- Apontar os pontos positivos da realização do trabalho de campo, dando ênfase ao aumento ou não da participação dos alunos durante as aulas no retorno à sala de aula;

Baseando-se nesses objetivos, pretende-se contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, incentivando ao menos a escola em questão a realizar cada vez mais essa atividade, visto que a realização da mesma facilita a aprendizagem, ao mesmo tempo que dinamiza as aulas de Geografia consideradas enfadonhas.

A busca pelo alcance desses objetivos nos ajudou a obter respostas a algumas questões como: A realização dos trabalhos de campo realmente facilita à aprendizagem dos alunos inseridos na realidade local? Quais os motivos da não realização de trabalhos de campo? A realização desta atividade melhora a relação de companheirismo entre os alunos? Aumenta de certa forma a participação durante as aulas, no retorno da atividade?

Essas e outras questões ajudaram no alcance dos objetivos propostos, além de orientarem a pesquisa.

2.2 Escola selecionada para a pesquisa

Escola de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Amâncio da Cruz. A escola localiza-se na Vila Tipi, zona rural da cidade de Aurora no estado do Ceará, foi construída no decorrer do ano de 1999. Acolhe um público oriundo da própria vila e de diversos sítios da região, ou seja, apenas alunos residentes na zona rural. Possui professores qualificados e recursos que dificilmente os alunos de outras escolas da zona rural possuem, como por exemplo: data show, quadro de pincel, biblioteca, quadra para realização de atividades com palco coberto, sala de informática climatizada, etc.

2.3 Instrumentos da coleta de dados

Parte da pesquisa foi baseada na coleta efetiva de dados, proporcionada por informações da professora de Geografia da E.E.I.F Antônio Amâncio da Cruz, localizada no município de Aurora-CE e dos alunos do 8º ano do ensino fundamental que tiveram a oportunidade de irem à campo. As questões foram elaboradas de forma que contribuíssem na aquisição de dados da pesquisa. Segundo Theodoro e Theodorson citado por Fachin (2006): “o questionário é um modelo ou documento em que há uma série de questões, cujas respostas devem ser preenchidas pessoalmente pelos informantes, tendo como intuito, a coleta de informações.”

Este método foi escolhido pelo fato dos entrevistados se sentirem mais à vontade para responderem às perguntas, assim como o fato de terem mais tempo para pensar e responder às questões.

O questionário é constituído por questões abertas e fechadas. De acordo com Fachin (2006):

“[questões abertas] (...) são aquelas que dão condição ao pesquisado de discorrer espontaneamente sobre o que se está questionando; as respostas são de livre deliberação, sem limitações e com linguagem própria. Com essas respostas, pode-se detectar melhor a atitude e as opiniões do pesquisado, bem como sua motivação e significação.”

“[questões fechadas] (...) são aquelas em que o pesquisado escolhe sua resposta em um conjunto de categorias elaboradas juntamente com a questão. Esse tipo de questão direciona o pesquisado para as alternativas já estruturadas.”

O questionário foi elaborado com o intuito de alcançar os objetivos pretendidos com a pesquisa, contendo como foram citadas anteriormente questões abertas e fechadas, com perguntas formuladas de maneira simples e objetiva, com o intuito de identificar as reais contribuições do trabalho de campo para o ensino de Geografia.

O questionário entregue à professora inicia-se com a identificação da mesma: o nome da Professora, tempo de magistério e outras questões acadêmicas. Em seguida foram feitas perguntas sobre o trabalho de campo em si: Se a professora realiza esta atividade; se realiza, com qual frequência; como se dá a preparação dos alunos para tal atividade, etc. Na terceira parte, as perguntas referem-se à avaliação pessoal da importância e papel das atividades de campo; e quais as maiores dificuldades para realização e execução das saídas de campo.

Com estas perguntas direcionadas à professora, buscou-se analisar se há atividades de campo na escola em questão e se há como ocorre esse processo e principalmente as

dificuldades dos professores para realização dos trabalhos de campo na referida escola, análise essa que se mostra como um dos objetivos da pesquisa.

Já o roteiro direcionado aos alunos após o trabalho de campo, contém questões abertas e fechadas, que foram elaboradas de forma simples, facilitando a sua compreensão e conseqüentemente favorecendo nossa pesquisa. As perguntas propostas têm como objetivo obter respostas para os questionamentos a seguir:

Primeira pergunta: diagnosticar se os alunos do 8º ano já haviam participado de algum trabalho de campo anteriormente.

Segunda pergunta: identificar o que os alunos mais gostaram durante a atividade, ou seja, o que mais os chamou atenção.

Terceira pergunta: informar-se quanto ao conforto durante a atividade, explorando as justificativas apresentadas.

Quarta pergunta: perceber quais as referências construídas pelos alunos, durante a aula de campo, no tocante à estética do ambiente natural.

Quinta pergunta: analisar quais elementos do conteúdo visto em sala de aula eles observaram no decorrer da aula de campo.

Sexta pergunta: perceber a compreensão dos alunos quanto a assuntos específicos trabalhados em sala de aula, como a relação entre a Floresta Nacional do Araripe e a riqueza hidrográfica da região.

Sétima pergunta: identificar qual a percepção do aluno perante a degradação ambiental.

Oitava pergunta: perceber a importância que os alunos atribuem ao trabalho de campo, como facilitador da aprendizagem.

2.4 Utilização da entrevista e opção pelo 8º ano

Inicialmente havia a necessidade de se optar por uma turma e conhecer melhor o público alvo ao qual se dirige a pesquisa, para que houvesse essa escolha, realizou-se conversas informais (entrevistas), com o Núcleo Gestor e os professores da escola, onde foi efetuada uma sondagem diagnóstica, para se optar por uma turma para ir à campo, entendendo melhor os sujeitos com quem se trabalharia.

A entrevista com o Núcleo Gestor e os professores ajudou bastante na coleta de informações que nos levaram à escolha da turma. Para Ludke e André (2004): a entrevista, pelo seu caráter de interação, cria “uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões”. Várias informações foram obtidas em conversas informais na sala da Diretoria (onde os professores se reúnem) onde perguntas e respostas ocorriam de forma bastante natural, de acordo com as manifestações dos professores.

A Diretoria foi um espaço de grande observação, pois é o local onde os professores das mais diversas áreas se encontram, é um ambiente de interação e comunicação, onde os mesmos trocam idéias, experiências e expõem as dificuldades que enfrentam nas diferentes turmas. Assim, o discurso dos professores, que ocorreu neste ambiente, foi uma importante fonte de pesquisa.

Com isso, conseguiram-se os dados que se tornaram uma fonte importante de reconhecimento da realidade dos alunos da referida escola e que nos fizeram optar pela turma do 8º ano, pois segundo a fala dos professores, é uma turma considerada um pouco mais interessada e participativa em relação às outras, destacando que seria a turma que teria maior maturidade para irem à campo, se comportarem e responderem ao questionário com seriedade no retorno à sala de aula, contribuindo assim de forma mais significativa para a pesquisa.

No capítulo seguinte destacou-se como ocorreu a preparação para o trabalho de campo, a execução desta atividade e como se deu o retorno à sala de aula.

CAPÍTULO 3 PLANEJAMENTO, ORGANIZAÇÃO, REALIZAÇÃO E RETORNO À SALA DE AULA

Apesar de haver diferenças na denominação das etapas de um trabalho de campo, muitos autores definem três etapas principais: a anterior a saída de campo, a ida, e as atividades realizadas no retorno.

Sternberg (1946) aponta que o trabalho de campo divide-se em etapas sucessivas e complementares: (1) planejamento e organização, (2) realização e retorno à sala de aula e (3) elaboração dos resultados. A seguir descreve-se como se deu cada uma destas etapas no decorrer da pesquisa.

3.1 Planejamento e organização

Os resultados positivos obtidos com os trabalhos de campo dependem principalmente do seu planejamento, pois um bom planejamento pode propiciar o desenvolvimento do senso crítico e a capacidade de observação do aluno, integração do mesmo ao meio natural, desenvolvimento da interação social, formação de atitudes como o senso de responsabilidade, de trabalho em equipe, habilidade de coleta de dados, etc. Conforme Callai (1988):

[...] vale lembrar aqui que durante o tempo em que se desenvolve todo o processo do trabalho de campo (planejamento, execução, análises e relatórios), o professor deve ter a preocupação constante de situar a atividade que está sendo desenvolvida dentro do contexto dos objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas. Isto é necessário para se evitar o “fazer pelo fazer” apenas.

Entende-se assim que o motivo pelo qual se dá a atividade em campo não deve fugir do foco, pois a aprendizagem ocorre de forma mais efetiva se o conteúdo proposto for sempre lembrado, explorado e debatido entre professor e aluno.

Para a realização da atividade, houve inicialmente um diálogo com o Núcleo Gestor e a professora de Geografia da escola em questão, onde foi exposta a pesquisa, seus objetivos e benefícios para o processo de ensino-aprendizagem, onde foi esclarecido que o mesmo pode ampliar o conhecimento dos conteúdos geográficos trabalhados em sala, facilitando assim a compreensão dos seus significados, além de desenvolver nos alunos algumas características citadas anteriormente.

Após a autorização dos mesmos, partiu-se para um diálogo com a turma do 8º ano. Neste caso não houve a necessidade nem oportunidade de haver uma excursão prévia, porém o local havia

sido visitado há pouco tempo, facilitando assim a elaboração de conteúdos a serem trabalhados com os alunos, permitindo assim selecionar as localidades a serem visitadas e determinar os principais objetivos envolvidos na atividade.

No primeiro diálogo com a turma, após a exposição da pesquisa, assim como dos objetivos que a norteariam houve uma exposição sobre a função do trabalho de campo, sobre os lugares que seriam visitados, o cronograma a ser seguido, etc. Essa preparação é importante, pois a apresentação detalhada do local do estudo diminui a ansiedade dos estudantes, a sensação de surpresa a cada elemento analisado, que poderia desviar sua atenção.

Em seguida foram desenvolvidas aulas teóricas que abordaram os temas relacionados ao local da realização da atividade de campo, ou seja, a Chapada do Araripe, que abriga uma floresta nacional, uma área de proteção ambiental e um geoparque, além de fontes naturais, grutas e sítios paleontológicos.

Baseados nessas informações prévias foram abordados temas como: localização, interferência antrópica relacionada à degradação do meio ambiente, clima, diversidade da fauna e flora, formação dos aquíferos, etc.

Nas aulas seguintes foram desenvolvidas atividades de leitura e debates sobre a biodiversidade da região, com o objetivo de aprofundar o conhecimento dos alunos sobre a temática. Foi solicitado aos alunos que pesquisassem imagens sobre as espécies da flora e da fauna, dentre as imagens pesquisadas trouxeram a de uma ave que corre risco de extinção. Trata-se do soldadinho-do-araripe, uma das aves de destaque da Floresta Nacional.

Com as imagens obtidas através da pesquisa dos alunos, realizou-se uma aula expositivo dialogada, e ilustrada com a utilização do data show, fortalecendo ainda mais o conhecimento dos mesmos sobre a biodiversidade da Chapada do Araripe. Encerrou-se assim a etapa de aulas teóricas, sentindo-nos preparados para ir à campo, que constitui a parte prática desta pesquisa, com o intuito de dar mais ênfase ao significado dos assuntos tratados em sala.

3.2 A ida ao campo

O trabalho de campo com destino á Chapada do Araripe ocorreu no dia 18 de março de 2013, obteve a participação de 20 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Antônio Amâncio da Cruz, que tinha como eixo central a discussão sobre a flora, fauna, hidrografia e preservação ambiental da região. Pretendíamos chamar a atenção dos estudantes sobre a importância da preservação da floresta para a garantia de sobrevivência da diversidade de espécies animais e vegetais que correm o risco de desaparecer devido à degradação do meio ambiente provocada pelo homem, despertando assim a conscientização ecológica dos mesmos.

O processo de ensino-aprendizagem que resulta na construção do conhecimento torna-se bastante enriquecido no momento em que ocorre a ida a campo. Como colocou Marcos (2006, p.6):

“Penso que a maior parte dos geógrafos concorde com o fato de que a ida a campo seja um instrumento didático e de pesquisa de fundamental importância para o ensino e pesquisa da/na Geografia. Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se ‘materializa’ diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa ‘excursão recreativa’ sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento”.

O dia da saída foi marcado por muita alegria e entusiasmo, já que este tipo de atividade raramente ocorre na escola em questão, os alunos passaram a vivenciar o novo, uma aula fora do ambiente escolar, fora das quatro paredes de uma sala.

Ao chegar próximo ao topo da Chapada fez-se a primeira parada, para que se conhecesse de perto a Fonte das Guaribas, lugar deslumbrante que chamou muito a atenção dos alunos, pois a maioria deles não conhecia uma fonte natural. Outro fator que chamou a atenção foi a grande diversidade de espécies vegetais, muitas delas também desconhecidas pelos alunos.

Infelizmente o deslumbramento mostrado por eles não se restringiu apenas a fatores positivos, pois próximo à fonte havia bastante lixo e, além disso, pessoas lavando roupa, o que prejudica a biodiversidade da região, principalmente os animais que consomem aquela água.



Foto 1: Pessoas lavando roupa na fonte das Guaribas
Fonte: Halline Tavares, 2013

A segunda parada ocorreu no antigo Aeroporto Nossa Senhora de Fátima, para chegar até lá percorreu-se aproximadamente 3 km ida e volta. Neste percurso a Coordenadora do Núcleo de Educação Ambiental da Floresta Nacional do Araripe, funcionária do IBAMA, juntamente com três voluntários, estudantes de Engenharia Ambiental, mostraram algumas espécies de vegetais, como por exemplo, os que apresentam utilidade medicinal, curiosidades da região, interferências humanas, momento este que foi utilizado para esclarecer aos alunos que a prática de queimadas, o desmatamento ilegal da vegetação nativa põe em risco os seres vivos que sobrevivem neste ambiente.



Foto 2: Início do percurso ao aeroporto Nossa Senhora de Fátima
Fonte: Halline Tavares, 2013



Foto 3: Área desmatada localizada no antigo aeroporto
Fonte: Halline Tavares, 2013

No retorno do aeroporto, nos dirigimos à sede do IBAMA, onde houve oportunidade de adquirir mais conhecimento através da fala da Coordenadora que trabalha no local a mais

de 30 anos. Em seguida foram mostrados alguns fósseis de peixes encontrados na região, além de ossos de alguns animais como a onça, que despertou bastante a atenção dos alunos.



Foto 4: Sede do IBAMA
Fonte: Halline Tavares, 2013

Na terceira etapa do trabalho percorreu-se uma trilha, chamada trilha da Mucunã (*Dioclea grandiflora*), nome este que foi dado devido a uma grande espécie da mesma encontrada no local. Esta foi talvez uma das etapas que mais despertou a atenção e curiosidade dos alunos, era notável a ansiedade dos mesmos em aprender mais sobre os elementos observados, a todo tempo eles faziam perguntas, comentavam sobre a beleza do lugar e que gostariam que sempre ocorressem aulas como aquela. “Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo” (FARINA e GUADAGNIN, 2007).

Durante a trilha os alunos tiveram a oportunidade de conhecer diversas espécies da flora local como, por exemplo: Faveira, maracujá de boi, pequiheiro, maçaranduba, murici, jurubeba estrela da mata, barbatimão, copaíba, samambaias, bromélias, etc. Grande maioria destas espécies era desconhecida dos mesmos, além disso, tivemos a oportunidade de apreciarmos o canto dos pássaros.

Apesar da beleza do local, um fator que continuou chamando a atenção dos alunos, foi a quantidade de lixo encontrada no local, pois a todo momento nos deparávamos com papéis, garrafas plásticas, sacolas, e outros resíduos sólidos. Em seguida na própria trilha paramos um pouco e passamos a conversar e trocar idéias sobre a preservação do meio ambiente, onde ficou bem claro que cada um deveria fazer sua parte. A funcionária do IBAMA falou que grande parte daqueles resíduos encontrados, são trazidos por pessoas que vão até o local para realizarem estudos de campo ou apenas para conhecerem. Fica assim

bem claro a necessidade de se fazer uma conscientização entre todos para que a floresta seja preservada podendo assim continuar a proporcionar as suas riquezas às gerações futuras.



Foto 5: Alunos percorrendo a trilha da Mucunã
Fonte: Halline Tavares, 2013



Foto 6: Espécie que deu nome à trilha
Fonte: Halline Tavares, 2013



Foto 7: Resíduos sólidos encontrados na floresta
Fonte: Halline Tavares, 2013

Uma saída a campo constitui um fator de fundamental importância para o ensino de Geografia, no momento que integra os alunos a novos conhecimentos. À medida que os elementos são observados, vão surgindo dúvidas e conseqüentemente a curiosidade dos alunos, que resultam na construção do conhecimento, além de uma maior interação entre professor-aluno e aluno-aluno.

Observou-se assim que o trabalho de campo desperta o interesse dos educandos por assuntos geográficos, permitindo também que façam ligação entre a teoria trabalhada em

sala de aula através dos livros didáticos e a realidade geográfica dos lugares visitados, aproximando o alunado aos temas propostos.

Além da fuga das paredes escolares (fundamental, sadia e necessária), que já serve como uma motivação para o trabalho e para o surgimento de interesse, o estudo de caso específico tem como retorno imediato a atribuição de significado ao conteúdo que está sendo estudado (FARINA e GUADAGNIN, 2007).

Sendo assim a realização desta atividade demonstrou-se satisfatória em relação aos objetivos pretendidos. No tópico seguinte serão expostos os procedimentos adotados no retorno à sala de aula.

3.3 O retorno a sala de aula

Nas aulas seguintes, no retorno do estudo de campo, ocorreram discussões em sala de aula, sobre alguns elementos observados no decorrer do trabalho de campo, como por exemplo: a interferência antrópica relacionada à degradação do meio ambiente: as espécies animais e vegetais, a formação dos aquíferos, etc.

Para Falcão e Pereira (2009) é nesse momento que o professor trabalhará com os alunos o que foi visto no dia do campo. É nessa etapa que a análise dos dados e das informações obtidas poderão ser estudadas com mais calma e clareza. Na compreensão de Oliveira e Assis (2009, p. 204), o retorno à sala de aula [...] completa aquilo que no campo escapou, ficou subentendido ou mal entendido. Ela ultrapassa o momento de reunião das entrevistas, fotografias e a narração das melhores vivências.

Ou seja, é um complemento que favorece ainda mais a construção do conhecimento, à medida que não apenas expõe o que foi visto e sim problematiza-se o que foi observado, nesse momento mostra-se de forma bem clara as contribuições do trabalho de campo no processo de ensino-aprendizagem.

Houve assim a exposição de algumas dúvidas, o relato de cada um sobre o que mais os chamou a atenção e em seguida a aplicação do questionário que possibilitou um resultado geral sobre a realização do trabalho de campo.

O retorno a sala de aula, oportuniza assim ao professor gerar discussões, promover debates e principalmente, ajuda a desenvolver o senso crítico dos alunos, por meio dos

questionamentos levantados antes, durante e depois do campo, que fará com que o aluno pense e chegue às suas próprias conclusões.

O capítulo seguinte trata da análise geral do trabalho de campo, baseando-se nos questionários respondidos pela professora de Geografia da referida escola e pelos alunos do 8º ano, após a realização da atividade.

CAPÍTULO 4 ELABORAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir do questionário realizado com os alunos que foram à campo e a professora de Geografia (ver apêndice), fez-se uma análise sobre a construção do conhecimento efetuado através do trabalho de campo, bem como suas observações a respeito do ambiente visitado, entusiasmo pelo conhecimento geográfico e emoções demonstradas durante a realização da atividade. Primeiramente analisar-se-á o questionário respondido pelos alunos.

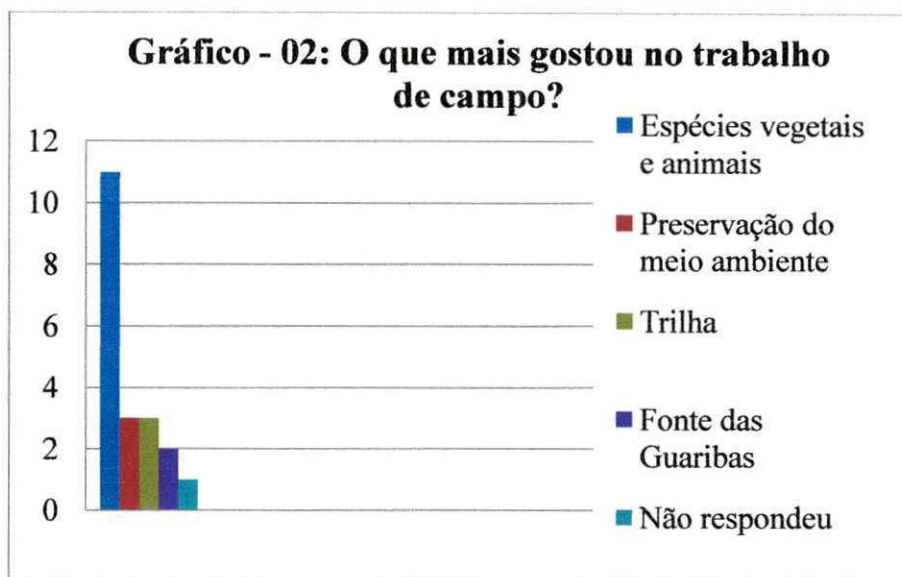
De início buscou-se saber se eles já haviam tido a oportunidade de realizar estudos de campo, independente do ano que cursavam ou escolas que estudaram. O resultado contido no gráfico 01 nos revela a resposta de tal indagação.



Fonte: Autor, 2013

Verificou-se que grande maioria dos alunos, ou seja, 70% nunca haviam participado de um trabalho de campo, ou seja, era uma prática nova incluída nas suas atividades escolares, sendo assim, percebeu-se cada vez mais a monotonia e enfado nas aulas de Geografia, baseadas principalmente na fala do professor e na utilização do livro didático, o que desmotiva ainda mais os alunos.

Ao questioná-los sobre o que eles mais gostaram na aula de campo, obteve-se como resultado respostas bastante variadas, que vão desde a observação de espécies animais e vegetais, até o percurso da trilha, que despertou a emoção dos mesmos, como observa-se no gráfico 02.



Fonte: Autor, 2013

As respostas obtidas nessa questão revelam que um dos elementos que mais chamou a atenção dos alunos foi a grande diversidade de espécies vegetais e animais, que eram desconhecidos dos mesmos, ficaram deslumbrados com a beleza do local, com cada detalhe das flores, o canto dos pássaros, etc. A preservação do meio ambiente também foi citada na resposta de alguns alunos, o que significa que de alguma forma a questão da preservação se mostrou um fator importante que influencia na vida de todos, ressaltando ainda mais a tarefa de cuidar do nosso planeta, preservando a vida na terra.

A fonte das Guaribas foi um dos elementos observados na aula de campo que também despertou o interesse dos alunos, assim como o percurso na trilha da Mucunã, momento este que se mostrou como uma aventura, onde andavam desviando de galhos e raízes, uns ajudando aos outros, despertando a emoção dos mesmos e incentivando o trabalho em equipe.

Julgou-se importante investigar como os alunos sentiram-se durante as aulas de campo, levando em consideração que as emoções e sensações que se fazem presentes no momento do ensino podem influenciar bastante na aprendizagem dos alunos. Sendo assim, a pesquisa considerou o conforto como um aspecto importante durante uma aula de campo.

Apesar de ser considerado um ambiente monótono, a escola é um local confortável, as salas de aula possuem carteiras para que os alunos assistam às aulas sentados, banheiros, bebedouros, etc. Já em um ambiente natural, a infra-estrutura apresenta algumas restrições e a aula em sua grande parte é conduzida com todos em pé. Questionados se eles haviam achado o ambiente da floresta confortável ou desconfortável, todos os alunos responderam

que acharam o ambiente confortável, notou-se assim a grande satisfação que tiveram ao participarem de uma aula de campo, pois apesar de andarem bastante a pé, ninguém reclamou de cansaço e por a floresta possuir uma temperatura agradável não reclamaram de sede e calor.

O questionário continha uma questão relacionada à estética do ambiente natural, que buscava perceber quais as referências construídas pelos alunos durante a aula de campo em relação a este fator. Todos os alunos responderam que acharam o lugar bonito e apontaram várias justificativas: “porque o local possui muitas árvores”, “porque a floresta é bem preservada e limpa”, “lá existia muitas flores lindas que eu não conhecia”, “porque a vegetação é bem verdinha, diferente da nossa”. Esse questionamento também revelou a percepção dos alunos referentes ao tema preservação ambiental que foi trabalhado em sala de aula e a ligação com o que foi visto em campo.

Ao questioná-los: “Quais os elementos do conteúdo visto em sala de aula você observou no decorrer da aula de campo?”, 17 alunos conseguiram estabelecer uma relação coerente entre a teoria trabalhada em sala de aula com a aula prática desenvolvida no ambiente extra-escolar. Os assuntos mais citados foram os relacionados à interferência antrópica como, por exemplo, as queimadas, o desmatamento, a poluição da água e do solo, também foram citados a diversidade da fauna e flora, a realização da fotossíntese, a formação dos aquíferos e a preservação do meio ambiente.

Buscou-se saber também se os alunos haviam compreendido a relação entre a Floresta Nacional do Araripe e a grande riqueza hidrográfica da região, para isso fez-se tal pergunta em que o resultado encontra-se no gráfico 03.



Fonte: Autor, 2013

Com este resultado pode-se concluir que a aprendizagem dos alunos em relação a este assunto foi considerada satisfatória, já que da quantidade de 20 alunos, 13 fizeram esta relação de forma coerente, ou seja, 65%.

Indagados sobre as principais interferências humanas relacionadas à floresta observadas durante a atividade, obteve-se várias respostas, como por exemplo: a caça ilegal de animais, a poluição da água, o desmatamento, as queimadas, o lixo jogado na floresta, pessoas lavando roupa na fonte das Guaribas, etc. Notou-se assim que todos estavam bem atentos quanto à questão da preservação e concluíram que todos esses fatores prejudicam a natureza, os animais que vivem nela e até mesmo os seres humanos.

Na última questão do questionário que foi utilizado para a pesquisa, foi pedido aos alunos que expressassem sua opinião sobre a importância do trabalho de campo no processo de ensino-aprendizagem, todos os alunos relataram que o trabalho de campo facilita o processo de ensino-aprendizagem, pois vêm na prática o que antes era trabalhado apenas com a utilização do livro, relataram que aprenderam mais rápido, que conhecer novos lugares os estimula a continuar na escola, que aprenderam bastante sobre a importância da preservação do meio ambiente, etc.

A partir dos resultados obtidos com a aplicação do questionário na turma do 8º ano, fica claro que o trabalho de campo se mostra como um aliado no processo de ensino-aprendizagem, à medida que a maioria dos alunos compreendeu os assuntos trabalhados em sala de aula e fizeram uma correta ligação com o que foi visto em campo, além disso, percebeu-se que é uma atividade que incentiva o interesse pelo estudo.

Com intuito de fazer uma análise em relação à utilização do trabalho de campo na disciplina Geografia, realizou-se um questionário com a professora da referida disciplina do Ensino Fundamental da Escola Antônio Amâncio da Cruz. É interessante apresentar alguns dados a respeito da entrevistada, ou seja, da professora de Geografia do 8º ano. Sua formação é Licenciatura em Geografia pela URCA, especializada em Psicopedagogia Institucional, pelo Instituto de Educação Vale do Salgado e possui vinte e três anos de atuação no magistério.

Com as respostas obtidas com as perguntas direcionadas à professora constatou-se que, ela realiza sim saídas de campo com os alunos, uma vez por ano, e correspondem diretamente ao estudo de temas tratados em sala de aula, ou seja, a ida a campo tem um propósito e não ocorre de forma descompromissada com o intuito apenas de levar os alunos para fora da escola, mas sim de fazer com que os mesmos aprendam cada vez mais, desenvolvendo seu senso crítico a partir de questões observadas em campo.

A professora afirma que há uma preparação antes da ida à campo, ou seja, o assunto é exposto de forma clara, explicado e debatido para que o aluno vá a campo com um conhecimento obtido em sala de aula. Afirma também que os alunos demonstram sim interesse por esse tipo de atividade, o que favorece ainda mais a aprendizagem, já que realizam atividades avaliativas após o trabalho de campo, como por exemplo, a confecção de relatórios onde são registradas todas as problematizações desenvolvidas no decorrer do trabalho.

Ao ser indagada sobre a influencia do trabalho de campo na aprendizagem, a mesma relata que as atividades de campo favorecem sim a aprendizagem, pois agrega teoria e prática, e essa ligação com a realidade torna mais clara os assuntos ministrados em sala.

Quando questionada sobre as maiores dificuldades para a realização das saídas de campo, a professora afirma o seguinte:

"Na maioria das vezes é falta de um bom planejamento, a não parceria com outros professores e suas respectivas disciplinas, indisciplina dos alunos e principalmente a falta de recursos básicos para a realização da atividade, como por exemplo, o transporte escolar e alimentação dos alunos."

Durante o planejamento e a realização do estudo de campo proposto na pesquisa vivenciou-se os mesmos problemas enfrentados pela professora, principalmente no que diz respeito à falta de recursos básicos, primeiramente o transporte escolar que depende da Prefeitura, o que exige muita paciência e insistência até sua confirmação, outro fator que se mostra como dificuldade é a falta de recursos para a alimentação, pois como os alunos são de famílias carentes e não tinham condições de ajudar financeiramente, toda a despesa ficou por conta da professora e do Núcleo Gestor.

A última pergunta do questionário refere-se ao curso de graduação que a professora cursou, e indaga se foram desenvolvidas ou não atividades de campo nesse período e se essa prática teve influência na opção de utilizar ou não essa atividade. A resposta foi positiva, a mesma ressaltou que essa prática mostra-se como um mecanismo básico que possibilita alunos, professores e comunidade a analisar e compreender a relação homem/natureza, sendo assim torna-se bastante proveitosa sua utilização na disciplina de Geografia.

Então a partir dos resultados obtidos com a aplicação do questionário na turma do 8º ano do Ensino Fundamental e sua respectiva professora, fica claro que muitos são os benefícios e contribuições dos trabalhos de campo para o processo de ensino- aprendizagem, porém fica claro também que por mais que o professor se esforce e tente inovar propondo atividades extraclasse, buscando motivar os alunos que cada vez mais abandonam a escola,

as dificuldades são muitas, o que desestimula e impede que esta atividade tão rica e prazerosa ocorra com maior frequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas de Geografia são muitas vezes baseadas no discurso oral do professor, em aulas expositivas com a utilização apenas do livro didático. Percebe-se, porém uma necessidade de inovação e valorização da disciplina para que contribua de forma mais efetiva na educação do aluno cidadão. Nessa perspectiva entende-se que a utilização de trabalhos de campo influenciará de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para leituras e reflexões do espaço. Sendo assim, é necessário que os responsáveis pela educação busquem a utilização de novos métodos de ensino.

Durante a realização dessa pesquisa buscou-se refletir sobre a importância do trabalho de campo para a Geografia, suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem e as dificuldades enfrentadas pelos professores para a realização da mesma.

Para que a pesquisa fosse bem elaborada propôs-se um trabalho de campo que realizou cada etapa de forma bem detalhada: planejamento, organização, realização e atividades no retorno à sala de aula. Ao final dessas etapas aplicou-se um questionário para os alunos que foram à campo e para a professora, questionário esse que fundamentou essa pesquisa.

A atividade prática realizada com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da escola Antônio Amâncio da Cruz contribuiu de maneira significativa para a efetivação da aprendizagem dos conteúdos trabalhados em sala de aula, fez com que os alunos conhecessem alguns mecanismos da natureza, procedimentos e atitudes relacionadas preservação do meio ambiente, favorecendo seu convívio com seu próprio meio. Constatou-se que realmente houve aprendizagem, através dos questionários onde a maioria dos alunos respondeu de forma correta às perguntas sobre assuntos trabalhados na aula de campo.

O trabalho também constatou que esta não é uma atividade tão presente no cotidiano dos alunos, já que 70% nunca haviam participado de um trabalho de campo, que tanto tem a contribuir com a aprendizagem.

Com esta pesquisa, foi também possível concluir que muitas são as dificuldades enfrentadas pelos professores para a realização de tal atividade, falta de recursos básicos, dificuldade em conseguir transporte, seja esse talvez um dos principais empecilhos para uma maior utilização desta metodologia.

Portanto, embora tenha-se plena consciência dos benefícios adquiridos com as aulas de campo, nota-se que esta é uma prática que ainda está distante de se tornar corriqueira nas escolas. O propósito dessa pesquisa é justamente tentar despertar nos responsáveis pela

educação, o hábito de realizar trabalhos de campo, contribuindo assim para uma leitura do espaço e a compreensão dos fatores ocorridos no meio em que vivem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vicente Eudes Lemos. **A obra de Humboldt e sua provável influência sobre a antropologia de Franz Boas**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 18, p. 74, 2005.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, Ciência da Sociedade: uma Introdução à Análise do Pensamento Geográfico**. São Paulo: Atlas, p. 41, 1987.

BERGER, D. G.; CORREA, V. R.; SILVA, Z. Z. **O trabalho de campo: relato de experiência**. VIII ENDIPE. 08 de maio de 1998.

Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, 2006. Disponível em: www.agbsaopaulo.org.br. Acesso em: 10 fev, 2013.

BRAUN, Ani Maria Swarowsky. **Rompendo os muros da sala de aula: O trabalho de campo como uma linguagem no Ensino de Geografia**. Porto Alegre, 2005.

CALLAI, H. C. et al. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí: Unijuí, 1988.

COMPIANE, M. **O lugar e as escalas e suas dimensões horizontal e vertical nos trabalhos práticos: implicações para o ensino de ciências e educação ambiental**. Ciência e Educação, v. 13, n. 1, p. 36, 2007.

COMPIANI, M. **A relevância das atividades de campo no ensino de Geologia na formação de professores de Ciências**. Cadernos IG/UNICAMP, v. 1, n.2, p. 20-25, 1991.

CORDEIRO, Joel Maciel Pereira. **A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola**. Guarabira: UEPB, 2010.

CORREA, R.L. 1996. **Trabalho de campo e globalização**. Trabalho apresentado no colóquio “O discurso Geográfico na Aurora do século XXI”. Programa de pós graduação em Geografia – UFSC. Florianópolis: 27-29 de novembro de 1996.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FALCÃO, Wagner Scopel; PEREIRA, Thiago Barcelos. **A aula de campo na Formação Crítico/Cidadã do Aluno: Uma alternativa para o Ensino de Geografia**. In: ENCONTRO

NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 2009, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT2/tc2%20%2828%29.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2013.

FARINA, Bárbara Cristina; GUADAGNIN, Fábio. **Atividades práticas como elementos de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática**. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia - práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, p. 111-119, 2007.

FERNANDES, Maria Lidia Bueno. **A Prática Educativa e o Estudo do Meio: O Amapá como estudo de caso na construção do conceito de sustentabilidade**. São Paulo, 2008.

GOMES, P. C. C.. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 173, 1996.

JUSTEN, Rosangela. **Trabalhos de campo na disciplina geografia : um olhar sobre a educação básica em Ponta Grossa (PR)**. Campinas, SP : [s.n.], 2010.

KAYSER, Bernard. **O geógrafo e a pesquisa de campo**. Seleção de Textos, 11. São Paulo: AGB, 1985.

LACOSTE, Yves. **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos**. Seleção de Textos, 11. São Paulo: AGB, 1985.

LIMA, Vanuzia; ASSIS Lenilton Francisco. **Mapeando alguns roteiros de TC em Sobral-CE: uma contribuição ao ensino de geografia**. Revista da Casa de Geografia de Sobral, Sobral, v.6/7, n. 1. 2005.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Níbia N. **Estudo do Meio: teoria e prática**. Geografia (Londrina), v 18, n. 2, 2009. p. 4. Disponível em: <http://www.uel.br/revista/uel/index.php/geografia>. Acesso em: 20 de janeiro de 2013.

LUDKE M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 7. ed. São Paulo: EPU, 2004.

MARCOS, Valéria de. **Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma Experiência de Pesquisa Participante**. IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 105-136, 2006. Disponível em: www.agbsaopaulo.org.br. Acesso em: 10 fev. 2013.
MATHEUS, Elizabeth Helena Coimbras. **Possibilidades e limitações das atividades de campo como estratégia no ensino de Geografia**. Porto Alegre, 2005.

MÉRENNE-SCHOUMAKER, Bernadete. **Didática da Geografia**. Porto: Asa, 2005.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia**: reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: Editus, 2010.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de.; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **Travessias da aula em campo na geografia escolar**: a necessidade convertida para além da fábula. *Educ. Pesqui.* [online]. 2009, vol.35, n.1, p. 195-209. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 11 jan. 2013.

PAULINO, Wilson Roberto. **Biologia – Volume Único**. São Paulo: Ática, p. 352-353, 2003.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia Escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. 130p. Mestrado. Universidade Estadual da Paraíba/João Pessoa – Geografia; Biblioteca Depositária: Biblioteca Central, 2007.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 23ª ed. 2006.

PONTUSCHKA, Níbia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª edição. – São Paulo: Cortez. p. 174, 2012.

REIGOTA, M. **O Que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ROCHA, Marcelo Augusto. **O trabalho de campo em periódicos da área de Ensino de Ciências**: categorização e tipologia. Londrina, 2011.

SILVA, Kássia Nunes da; ALVES, Lidiane Aparecida; LOPES, Michelly de Lourdes. **A importância de se praticar o trabalho de campo na ciência geográfica**. Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes. A. MARGem, Uberlândia, ano 1, n. 1, p. 12. jan./jun, 2008.

STERNBERG, H. O'Reilly. **Contribuição ao ensino de Geografia**: o trabalho de campo na Geografia e o laboratório de Geografia e o equipamento didático. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia – O Desafio da Totalidade-Mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

SUERTEGARAY, Dirce M. A. **Pesquisa de campo em Geografia**. Textos, 11. São Paulo: AGB, 1985.

THOMAZ JÚNIOR, Antônio. **Trabalho de campo**: o laboratório por excelência do geógrafo. *Geografia Passo-a-passo: ensaios críticos dos anos 1990 – Presidente Prudente: Centelha*, p. 20-26, 1992. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br>. Acesso em 15 fev. 2010.

VIVEIRO, Alessandra Aparecida; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. **Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental**: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar. *Ciência em Tela*, v. 2, n. 1, p. 4, 2009. Disponível em: <http://www.diagramaeditorial.com.br/cesar/materialdidatico/viveiroediniz%282009%29.pdf>. Acesso em: 20 de janeiro de 2013.

APÊNDICE

Apêndice 1**QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS**

- 1- Você já havia participado de algum trabalho de campo? ()sim ()não

- 2-O que você mais gostou na aula de campo?

- 3- Você achou o ambiente da floresta:
()confortável ()desconfortável. Por quê?

- 4- Você achou o ambiente da floresta:
()bonito ()feio. Por quê?

- 5- Quais elementos do conteúdo visto em sala de aula você observou no decorrer da aula de campo?

- 6- Qual relação você identifica entre a floresta nacional do Araripe e a grande riqueza hidrográfica da região?

- 7- Quais as principais interferências humanas relacionadas à floresta você observou?

- 8- Expresse sua opinião sobre a importância do Trabalho de campo no processo de ensino-aprendizagem.

Apêndice 2

QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA

Professora: agradeço pelas respostas e informações no questionário a seguir. Elas serão valiosas para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso.

Questionário com a professora de Geografia

Data do questionário: ___/___/2013.

1) Dados de Identificação:

Professor (a): _____

Formação Acadêmica: _____

Graduação: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão: _____

Pós-graduação: _____

Instituição: _____

Ano de conclusão: _____

Tempo de atuação no magistério: _____

2) Dados das atividades de campo:

2.1 - Promove saída de campo com os alunos? () Sim () Não

2.2 - Em caso negativo, explique as razões desta preferência, e passe para a questão 3.

2.3 - Com que frequência:

() uma por bimestre

() uma por semestre

() uma por ano

() esporadicamente

() outro _____

2.4 - Quando os trabalhos de campo são realizados eles correspondem diretamente ao estudo de temas tratados em sala de aula? () Sim () Não

Em caso negativo, justificar.

2.5 - Como é feita a preparação para o trabalho de campo:

() os alunos vão a campo com um conhecimento prévio;

() os alunos vão a campo com um conhecimento obtido em sala de aula;

() os alunos vão a campo com um conhecimento obtido por leituras;

o primeiro contato com o objeto de estudo é no campo;

outro: _____

2.6 - É possível constatar interesse dos alunos por esse tipo de atividade?

Sim Não

2.7 - Existe alguma atividade avaliativa após o trabalho de campo?

Sim Não

Se existe que tipo de atividade?

3) Avaliação pessoal da importância e papel das atividades de campo.

3.1 - Você acredita que as atividades de campo favoreçam a aprendizagem?

Sim Não

Explique.

3.2 - Quais as maiores dificuldades para realização e execução das saídas de campo?

3.3 - No seu curso de graduação foram desenvolvidas atividades de campo?

Sim Não. Essa prática teve influência na opção de utilizar ou não essa atividade?

Explique.

Obrigado por sua colaboração!

Apêndice 3

ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE AURORA
ESCOLA DE E. I. F. ANTÔNIO AMÂNCIO DA CRUZ - PÓLO 07

E-mail: eeifantonioamancio@hotmail.com

FONE: (88)96559745

Aurora-Ce, 06 de Março de 2013

Ofício N° 04/2013

A Ex.^{ma} Senhora

Secretária Municipal de Educação

Maria Rozilange de Macêdo

Assunto: **Solicitação de transporte**

Venho por meio deste solicitar a liberação de um transporte com capacidade para 25 pessoas (entre alunos e professores) para a realização de um trabalho de campo que ocorrerá domingo dia 17 de março do corrente ano, com destino à Floresta Nacional do Araripe – Crato-CE, onde os alunos irão aprofundar seus conhecimentos em relação à Flora, Fauna, questões hidrográficas da região, impactos ambientais, dentre outros assuntos, visto que essa atividade é de fundamental importância para o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso a Agente Administrativo da escola necessita realizar esta atividade, pois está fazendo uma pesquisa sobre a importância do Trabalho de Campo no Ensino Fundamental, referente ao seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), atividade esta indispensável para a realização da pesquisa que tem muito a contribuir com o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

Contamos com a sua compreensão.

Atenciosamente:

Maria de Fátima Ferreira

(Diretora Geral)

Halline Tavares de Souza

(Agente Administrativo)